

Da mesma maneira que os contos aqui analisados, a correspondência de Lobato com Rangel funciona como registro histórico de uma época e memória de uma vida, e decidindo publicá-la Lobato estava sendo coerente ao fazer, ele mesmo, o que sempre elogiou quando outros fizeram – como, por exemplo, no artigo anteriormente citado em que comemorava a publicação por Antônio Parreiras de seu livro *A vida de um pintor*.

Mas não é sem hesitação que Lobato opta por publicar as cartas, como explica na “escusatória”, uma espécie de prefácio com que se inicia o primeiro tomo da correspondência:

O gênero “carta” não é literatura, é algo à margem da literatura... Porque literatura é uma atitude – é a nossa atitude diante desse monstro chamado Público, para o qual o respeito humano nos manda mentir com elegância, arte, pronomes no lugar e nem um só verbo que discorde do sujeito. O próprio gênero “memórias” é uma atitude: o memorando pinta-se ali como quer ser visto pelos pósteros – até Rousseau fez assim – até Casanova.

Mas cartas não... Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana. Ora, como da minha conversa escrita com Rangel se salvassem quase todas as cartas, tive ensejo, um dia, de lê-las – e sinceramente achei que constituíam uma “curiosidade editorial” de bom tamanho. E que teriam interesse para o público justamente porque ao escrevê-las nunca me passou pela mente que jamais fossem dadas a público. Mas vacilei. Dá-las ou não? Tão íntimo tudo aquilo. [...] Além do que isso de cartas é sapato de defunto. Depois que o autor morre á que elas aparecem.¹

Ele, que sempre defendera o valor documental dos textos literários, considera as cartas, na mesma linha de raciocínio, ainda mais verdadeiras, por dispensarem as formalidades gramaticais e a contenção recomendada pelas regras de convivência. Ao pôr em circulação, na esfera pública, cartas que originalmente escrevera em caráter privado, exclusivamente para seu mais fiel e constante leitor, sem qualquer preocupação com os “pósteros”, e ao tomar para si a tarefa de organizá-las e revê-las, Lobato estava assumindo mais uma vez uma atitude afirmativa:

Pensei, pensei, pensei. Por fim, vá lá. Tenho sérias dúvidas sobre se estou ainda vivo – e se as cartas saírem com a minha revisão de semi-vivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semi-morto já não subscreve.²

¹ LOBATO, *A barca de Gleyre*, t.1, p.17-18.

² LOBATO, *A barca de Gleyre*, t.1, p.18.

Com a auto-ironia que sempre o acompanhou, Lobato se apresenta como um homem velho, que se encaminha para a morte e que portanto se preocupa com seu legado, preferindo manter sua autoridade – sua autoria – sobre o que escrevera para o amigo, cuidando de lapidar as cartas à sua maneira.

Na primeira carta transcrita no volume, datada de dezembro de 1903 e enviada de São Paulo para Minas Gerais, para onde Rangel voltara depois de findo o curso de Direito, Lobato explicita seu projeto de manter com ele uma correspondência duradoura, propondo um pacto que, como se sabe, foi aceito pelo interlocutor:

Sigo logo para a fazenda e quero de lá corresponder-me contigo longa e minuciosamente, em cartas intermináveis — mas é coisa que só farei se me convencer de que realmente queres semelhante coisa.

Mando um *Estado* com o discurso do Ramalho Ortigão, e o começo do meu Diário. E vai uma revista com capa minha.

Responda sem demora se está disposto a ser caceteado à distância — telecaceteado! Pode dirigir a carta para Taubaté, para onde sigo nestes três dias.³

A carta-convite segue cheia de pequenos objetos de sedução que, se por um lado atestam o gosto de remetente por ler (o artigo do escritor português publicado no jornal), escrever (o começo do diário) e pintar (a capa “dele” na revista), por outro visam evidentemente a físgar o destinatário. Alcançado o objetivo, inicia-se uma troca de cartas bastante freqüente, Lobato dando notícias dos amigos comuns e dos livros que lê, e esperando pelas respostas – e perguntas – do amigo. De Taubaté, onde está passando férias com a família, escreve em janeiro de 1904:

Rangel:

Tua carta veio como aragem. Eu estava com saudades dum vôo e aqui não há asas — só se discutem coronéis políticos e namoros. [...] andava descontente comigo mesmo, com as minhas idéias, com estes miolos que quanto mais aprendem menos sabem, e a pensar na morte — todo ódios e invejas. Tua carta foi um sopro em queimadura. Vou responder longamente, porque enquanto escrevo as idéias-morcego não me perseguem.⁴

E na mesma carta, mais adiante, reafirma: “Tuas cartas me são um estimulante; obrigam-me a pensar, abrem-me perspectivas.”⁵

É ainda no fim de 1904, que Lobato, então com vinte e dois anos, escreverá uma carta longa e um tanto melancólica, cheia de indagações sobre o futuro, da qual vai retirar, quando a reler em 1943, o título do volume reunindo sua correspondência com Rangel:

³ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.1, p. 32-33.

⁴ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.1, p. 50.

⁵ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.1, p. 52.

Mas falemos em coisas profanas. Li o teu último artigo... Nunca viste a reprodução dum quadro de Gleyre, *Ilusões perdidas*? Pois o teu artigo me deu a impressão do quadro de Gleyre posto em palavras. Num cais melancólico barcos saem; e um barco chega, trazendo à proa um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira – uma figura que a gente vê e nunca mais esquece (se há por aí os *Ensaio de Crítica e História* do Taine, lê o capítulo sobre Gleyre). O teu artigo me evocou a barca do velho. Em que estado voltaremos, Rangel, desta nossa aventura de arte pelos mares da vida em fora? Como o velho de Gleyre? Cansados, rotos? As ilusões daquele homem eram as velas da barca – e não ficou nenhuma. Nossos dois barquinhos estão hoje cheios de velas novas e arrogantes, atadas ao mastro da nossa petulância. São as nossas ilusões. Que lhes acontecerá?

Somos vítimas de um destino, Rangel. Nascemos para perseguir a borboleta de asas de fogo – se a não pegarmos, seremos infelizes; e se a pegarmos, lá se nos queimam as mãos. [...]

Estamos moços e dentro da barca. Vamos partir. Que é a nossa lira? Um instrumento que temos que apurar, de modo que fique mais sensível que o galvanômetro, mais penetrante que o microscópio: a lira eólia do nosso senso estético. Saber sentir, saber ver, saber dizer. E tem você de rangelizar a tua lira, e o Edgard⁶ tem que edgardizar a dele, e eu de lobatizar a minha. Inconfundibilizá-las. Nada de imitar seja lá quem for. Eça ou Ésquilo. Ser um Eça II ou um Ésquilo III, ou um sub-Eça ou um sub-Ésquilo, sujeiras! Temos de ser nós mesmos, apurar os nossos Eus, formar o Rangel, o Edgard, o Lobato. Ser núcleo de cometa, não cauda. Puxar fila, não seguir.

[...]

Você me pede um conselho e atrevidamente eu dou o Grande Conselho: seja você mesmo, porque ou somos nós mesmos ou não somos coisa nenhuma. E para ser si mesmo é preciso um trabalho de mouro e uma vigilância incessante na defesa, porque tudo conspira para que sejamos meros números, carneiros dos vários rebanhos – os rebanhos políticos, religiosos ou estéticos. Há no mundo o ódio à exceção – e ser si mesmo é ser exceção. Ser exceção e defendê-la contra todos os assaltos da uniformização: isto me parece a grande coisa. Se a tomarmos como programa, é possível que um dia apanhemos a borboleta de asas de fogo – e não tem a mínima importância que nos queime as mãos e a nossa volta seja como a do velho de Gleyre.⁷

Ao final da carta, Lobato coloca uma nota que corrige a descrição feita do quadro:

Há um erro aqui. Esse quadro de Charles Gleyre, que entrou para o museu Luxemburgo e de lá se passou para o Louvre, sempre foi vítima de traições. Gleyre denominou-o *Soir*, mas o público foi mudando esse nome para *Illusions perdues* e assim ficou. Eu também mexi no quadro. Pus o velho dentro da barca e fiz a barca vir entrando no porto, toda surrada. Traí o pobre Gleyre. Sua barca não vai entrando, vai saindo, como se deduz da direção do enfunamento das velas...⁸

Apesar da ressalva, escrita em 1943, afirmando que a barca estaria partindo do cais, parece que o sentimento de cansaço e esgotamento associado ao retorno da embarcação trazendo o velho, minuciosamente apresentado na carta em 1904, se sobrepõe às evidências e funciona como uma chave de leitura oferecida por Lobato ao usar para título uma referência a um quadro chamado “Ilusões perdidas”. O velho

⁶ Edgard Jordão, amigo comum de Lobato e Rangel.

⁷ LOBATO, *A barca de Gleyre*, t.1, p.80-83.

⁸ LOBATO, *A barca de Gleyre*, t.1, p.83.

Lobato, lendo a carta do jovem que fora, se colocaria agora dentro da barca surrada, identificado ao personagem retratado – um velho com o braço pendido largadamente sobre uma lira – de cujas ilusões “não ficou nenhuma”. E o fato de aludir o título a um quadro revela ainda uma vez o gosto e o interesse de Lobato pela pintura.

Brito Broca, um leitor de cartas, memórias e autobiografias, tece algumas considerações sobre esta correspondência em *Literatura e vida literária*:

As cartas de Monteiro Lobato e Godofredo Rangel, publicadas em volume em 1944, sob o título de *A barca de Gleyre*, vieram dar-nos o exemplo raro, entre nós, de uma amizade mantida, durante mais de quarenta anos, quase somente por correspondência. Pois desde que se separaram em São Paulo, após haverem concluído o curso de direito e tendo cada qual seguido para o seu lado, pouquíssimas foram as ocasiões em que se avistaram pessoalmente.

[...]

Ao calor dessa amizade essencialmente literária vão surgir dois livros dos maiores da literatura brasileira contemporânea: *Urupês* e *Vida ociosa*. Assistimos à germinação lenta de ambos: as hesitações, as consultas, as sugestões, as advertências, através das quais se foram concretizando em realização nítida e perfeita.⁹

Ainda que não tenha sido ao calor da correspondência com Rangel que Lobato construiu toda a sua obra, parece ter sido nela que reuniu forças para se fazer escritor. Em carta de junho de 1914, portanto cerca de um mês depois daquela em que conta o enfrentamento com o capataz da fazenda, Lobato escreve:

Acho que quem escapa de ser uma simples unidade na mediania do *vulgum pecus* é porque tem lá nas circunvoluções cerebrais um boleadozinho mais favorável. Disso vem a essa criatura o anseio e o direito de viver a sua vida, e não a do rebanho. Este viverá a vida preestabelecida pela tradição ou pelo interesse dos pastores que o tangem. Ora, nós dois, Rangel, temos a coisa favorável lá nas circunvoluções; e portanto nós gozamos da regalia de seguir no rumo da estrada real por onde seguem os carneiros, mas fora de forma, fora da massa de “mês”, por atalhos ou picadas laterais que vamos abrindo. Temos direito às nossas venetas!¹⁰

Rangel é para Lobato um igual, tendo os dois sido marcados pela mesma distinção: a independência de suas idéias, a autonomia das escolhas, a possibilidade de se destacar do rebanho – o que Lobato considera a coisa mais importante que aprendeu com Nietzsche, como reitera diversas vezes. Em carta de setembro de 1943, Lobato dirá a Rangel: “Você é a única pessoa no mundo que me conhece por dentro. Escrevemo-nos tanto e tanto, mês a mês e em todas as situações da vida, que nos sabemos de cor.”¹¹ E na mesma carta de junho de 1914, às vésperas de publicar “Velha Praga” no jornal, Lobato ainda hesita entre o grande público e seu leitor único, constante e fraterno:

⁹ BRITO BROCA, *Literatura e vida literária*, p. 183-184.

¹⁰ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.1, p. 357. Grifo do autor.

¹¹ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 355.

Recomeçemos, caro Rangel. Vamos por diante com a nossa eterna correspondência. Eu prefiro um leitor como você aos três milhares que vais ter *n'O Paiz*. Dá-me mais prazer escrever-te do que escrever livros. Talvez que um dia, quando não te tiver mais como o meu público, talvez eu tome para meu uso o Público. Sei que será passar de cavalo a burro, mas é corrente aqui na roça que trocar de montaria descansa. Vamos lá, meu público, meu leitor único! Agüenta-me em teu lombo! Sigamos os dois como até aqui, peripateticamente, a debater frivolidades e a repastar as misteriosas exigências mentais dos nossos eus, apesar das centenas de quilômetros que nos separam. A separação é apenas geográfica – a menos separante das separações. Esta nossa caminhada já vem de dez anos. É provável que um dia nos separemos *nel mezzo del camin...* na encruzilhada da Saciedade ou no pouso do Nada-Vale-a-Pena. Mas em que quilômetro ficam essa encruzilhada e esse pouso? Não sei. Talvez para além da nossa vida – e morreremos sem tê-los alcançado.

Continuemos, Rangel. A grande coisa numa viagem não é o chegar – é o ir.¹²

A caminhada duraria ainda muito tempo, e pela leitura das cartas acompanha-se a vida de Lobato: a atividade de escritor, a venda da fazenda, a mudança para São Paulo, a compra da *Revista do Brasil*, a falência, a mudança para o Rio de Janeiro e depois para Nova York, em 1927, quando as cartas a Rangel começam a escassear, sem se interromper totalmente. Em setembro de 1941 Lobato será tomado por lembranças que o farão dirigir-se afetuosamente ao velho amigo, respondendo a uma carta por ele enviada

Estive em Taubaté depois de 25 anos de ausência – lá de onde tanto te escrevi no tempo em que tinha mais literatura e sonho na cabeça do que hoje tenho ódios e nojo de tudo. Nós nos *procurávamos*, Rangel. E tanto nos procuramos que nos achamos. Nós nos construímos lentamente, não nascemos feitos. E a nossa longa troca de cartas foi uma coisa linda. As duas chamas trocavam as suas fumaças – e nenhum de nós previu o que estava na frente.¹³

A carta seguinte é de fevereiro de 1943, havendo portanto mais de um ano de intervalo entre a mesma e a anterior, afastamento que Lobato registra: “Há séculos não nos encontramos, e o encontro de hoje vem por mero acidente.”¹⁴ “Encontros” que se dão estritamente via correspondência, espaço cuidadosamente preservado pelos dois, como se depreende da desenvoltura com que Lobato volta aos caros temas de sempre, elogiando o livro *Éramos seis*, de Maria José Dupré:

Coisas que te disse antigamente confirmam-se agora, depois duma conversa tida com o Marques Campão, um pintor excelente e inteligente (coisa rara) e do livro da Dupré. Campão revelou-me o segredo da aquarela: não empastar as cores, não sobrepor tintas, pois só assim alcançamos o que nesse gênero há de mais belo: a transparência. No estilo literário dá-se a mesma coisa: o empastamento mata a transparência, tal qual nas aquarelas. Se eu digo “céu azul”, estou certo, porque não sobrepus tintas e obtive transparência. Mas se venho com aqueles “lindos” empastamentos literários que nos ensinaram (“céu azul turquesa” – “a cerúlea abóbada celeste”) estou fazendo literatura;

¹² LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.1, p. 361. Grifo do autor.

¹³ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 336. Grifo do autor.

¹⁴ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 337.

[...] A Dupré mostrou-me que se pode escrever com zero de “literatura” e 100% de vida. É o que estudo no prefácio.¹⁵

O gosto pela pintura da realidade e a aproximação entre artes plásticas e literatura, constantes em Lobato, emergem mais uma vez. Lobato continua, tantos anos depois, atento às questões que desde a juventude eram de seu interesse, e mostra que seu talento para identificar textos que agradassem aos leitores continuava afiado: *Éramos seis*, romance premiado pela Academia Brasileira de Letras, teve grande sucesso de público, chegando a ser adaptado para o cinema e, nos anos 70, para a televisão. E Rangel continua sendo o interlocutor íntimo e distante que foi desde sempre.

O ano de 1943 vê surgir o interesse pelas cartas guardadas, e numa espécie de *mise-en-abîme*, acompanha-se, pelas últimas cartas incluídas no volume, o processo de elaboração do que virá a ser *A barca de Gleyre*. Em agosto, Lobato escreve:

Devo ter, sim, as minhas cartas antigas que devolveste há uns vinte anos e que por essa época examinei. Achei-as então tremendamente tolas. Como éramos livrescos e literários! [...] Reclamas essas cartas, essa antigalha; queres relê-las... Garanto que não aturas o Lobatinho daquele tempo, tão “suficiente” e pernóstico.¹⁶

Alguns dias depois, em 5 de setembro, Lobato dá notícias da busca empreendida:

Fui mexer na minha tremenda papelada epistolar e tonteei. É coisa demais. É um mundo. Pus a Ruth separando aquilo e classificando por ordem de data – é o primeiro passo. O segundo será separar certas cartas, como as tuas, que são as mais numerosas; e como por milagre tenho aqui as minhas, estou vendo que desse passo vai sair coisa grossa e talvez muito interessante. Desconfio, Rangel, que esta nossa aturada correspondência vale alguma coisa. É o retrato fragmentário de duas vidas, de duas atitudes diante do mundo – e o panorama de toda uma época. Literatura, história e mais coisas.¹⁷

A carta seguinte é datada de 15 de setembro, o que revela uma retomada da regularidade da correspondência entre Lobato e Rangel, envolvido que está agora em um projeto que o mobiliza:

Reuni minhas cartas. Estou a relê-las – e encantado com a nossa fúria literária daquele tempo. O espantoso me parece que de semelhantes palermas saíssem duas “glórias nacionais”... Estou sendo “jubilado” – e de repente dão-te com um jubileu pelas ventas, apesar de que foste um infame desertor. Amoítaste – deixaste-me sozinho nesta faina de botar livros, como as galinhas põem ovos.¹⁸

Lobato se refere ao “jubileu” dos vinte e cinco anos de publicação de *Urupês*, que teve uma edição comemorativa, e lamenta que Rangel não tenha dado continuidade

¹⁵ LOBATO, *A barca de Gleyre*, t. 2, p.339.

¹⁶ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 349.

¹⁷ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 351.

¹⁸ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 352-353.

à carreira de escritor, “desertando” e deixando-o sozinho. Na mesma carta, mais adiante, continua:

Achei ótima a idéia de você mesmo bater na máquina as tuas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das inconveniências. Deixaremos só o bom – como as canas de chupar que a gente tora a ponta e o pé. Depois decidiremos o que fazer. Imagine uma edição de Cartas Nossas em dois ou três volumes, coisa que nunca foi feita neste país!¹⁹

A carta seguinte é de 28 de setembro, o mostra que Lobato está trabalhando com entusiasmo:

Ainda não posso dizer o que penso das cartas em livro. Só depois de tudo passado a máquina é que poderei examiná-las na ordem cronológica e ver se é leitura que prenda.²⁰

O editor Lobato não tem interesse em publicar o que quer que seja se não houver perspectiva de sucesso. Quer certificar-se de que a leitura das cartas possa “prender” o leitor. Por isso não arrisca palpites antes de ter o material devidamente preparado, datilografado e organizado, de maneira a poder oferecer uma visão de conjunto. Portanto, passa-se um mês antes que, no dia 27 de outubro, envie finalmente sua opinião:

Já tenho todas as cartas passadas a máquina e estou a lê-las de cabo a rabo. Noto muita unidade. Verdadeiras memórias dum novo gênero – escritas a intervalos e sem nem por sombras a menor idéia de que um dia fossem publicadas. Que pedantismo o meu no começo. Topete incrível. Estou pondo notas. [...] Estou quase me apaixonando pela obra. As cartas são os andaimes, as notas completam-nas. [...] O Edgard Cavalheiro aprovou-as com calor, achando que dá um livro dos mais originais.²¹

Decidido a publicar as cartas, é tomado por elas, escreve notas explicativas, revive o tempo de juventude. E, como explica na “escusatória”, precisa “podá-las”, excluindo trechos julgados inconvenientes, e consertar eventuais deslizos de linguagem, o que denota o cuidado com a edição. Lobato, como de hábito, preocupa-se com a recepção:

Minha idéia no começo era dar as tuas [cartas] e as minhas juntas, articuladas, mas vi que isso iria estragar tudo. Para quem está de fora, tem muito mais interesse uma conversa telefônica da qual só ouve um lado; o fato de não ouvir o outro lado força mais a imaginação. [...] Solto agora as minhas cartas a você, e depois você solta as tuas a mim.²²

E conclui a carta, afetuosamente, dizendo ao amigo;

¹⁹ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 353.

²⁰ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 357.

²¹ LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 359-360.

²² LOBATO, *A Barca de Gleyre*, t.2, p. 360.

Outra coisa está me parecendo: que na literatura fiquei o que sou por causa dessa correspondência. Se não dispusesse do seu concurso tão aturado, tão paciente e amigo, o provável é que a chamazinha se apagasse. Você me sustentou firme na brecha – e talvez eu te tenha feito o mesmo. Fomos o porretinho um do outro, na longa travessia...

Esta era provavelmente a última carta da primeira edição, com a qual se encerraria o segundo tomo, o que nos faria, novamente, fechar o livro e ouvir ressoarem as palavras de gratidão e apreço de Lobato dirigidas ao fiel correspondente de quarenta anos.

Retomando a idéia das cartas como componentes imprescindíveis à máquina de escritura de Lobato, observa-se em Lobato, ao contrário de Kafka, que “pensa em destruir tudo o que escreve como se se tratasse de cartas”²³, o desejo de publicar tudo, inclusive suas cartas. A correspondência com Rangel tendo sido a força motriz que pôs a máquina em andamento, estava agora tornada obra, alçada ao espaço público, a um só tempo “literatura, história e mais coisas”. Estava assim fechado o círculo.

PS

Tendo sido a primeira edição de *A barca de Gleyre* de 1944, a última carta de Monteiro Lobato a Godofredo Rangel, remetida poucos dias antes de sua morte, em 4 de julho de 1948, transcrita a seguir, foi incluída no volume postumamente.

Véspera de S. João, 1948

Rangel:

Chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lápis, porque a pena me sai mal. Ainda estou com uma perturbação na vista. Uma perturbação que se vai deslocando do meu campo visual, e que num mês deve estar desaparecida. Só então voltarei a ler corretamente. Tenho estado, todo este tempo, privado da leitura – e que falta me faz! A civilização me fez um “animal que lê”, como o porco é um animal que come – e dois meses já sem leitura me vem deixando estranhamente faminto. Imagine Rabicó sem cascas de abóbora por 30 dias!

Tive a 21 de abril um “espasmo vascular”, perturbação no cérebro da qual a gente sai sempre seriamente lesado de uma ou outra maneira. Depois de 3 horas de inconsciência voltei a mim, mas lesado. A principal lesão foi a da vista que no começo me impedia de

²³ DELEUZE & GUATTARI, *Kafka: Por uma literatura menor*, p. 44.

ler sequer uma frase. As outras perturbações ando eu agora a percebê-las: lerdeza mental, fraqueza de memória e outras “diminuições”. Não sou o mesmo: desci uns pontos.

Não é impunemente que chegamos aos 66 de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim – foi um aviso – um preparativo. E de agora por diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a “grande viagem”, coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas “passar” do estado de vivo para o de não-vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além! Isto aqui, o corporal, já está mais do que sabido e já não me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas: isto mesmo que tenho aqui, mas sem o corpo! Maravilha sim. Não mais tosse, nem pigarros, nem (ilegível) da coisa orgânica!

– E se não for assim? dirá você. E se em vez de continuação da vida a morte trazer extinção total do ser?

– Nesse caso, vis-ótimo! Entro já de cara no Nirvana, nas delícias do Não-ser! De modo que me agrada muito o que vem aí: ou continuação da vida, mas sem estes órgãos já velhos e perros, cada dia com pior funcionamento, ou o NADA!...

Você sempre lidou com doenças, a que não prestava atenção. Porque isso de doença, só dói na gente. Agora que também me tornei um doente, quero que contes o ponto em que está a tua saúde, e as belezas patológicas que enriquecem o teu patrimônio. Como está o coração? Conheces a Digitalis? O Estrofanto?

Depois d’amanhã vou ser examinado pelo Jairo Ramos, o médico que é o Supremo Tribunal desta terra em questão de medicina, e na próxima te comunicarei a minha sentença. Antes que o Jairo fale, não sei como estou.

Adeus, Rangel! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além? Tenho planos logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu – e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas dúvidas.

Do

Lobato²⁴

²⁴ LOBATO, *A barca de Gleyre*, t. 1, p.361-363.